

HISTORIOGRAFIA DA IMIGRAÇÃO ÁRABE NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA

Heliane Prudente Nunes

Este estudo pretende compreender, a partir de uma perspectiva historiográfica comparativa, algumas semelhanças e diferenças existentes entre os processos históricos da imigração árabe ocorridos em dois países da América: Estados Unidos e Brasil.

Trata-se da primeira sistematização de idéias que faço sobre o assunto, um assunto amplo e complexo, o qual só recentemente vem recebendo maior atenção dos pesquisadores. Este é, portanto, um exercício de caráter exploratório, que contém mais perguntas do que respostas; mas considero útil e estimulante a tarefa de compartilhar idéias.

Não tenho aqui condições de discutir e interpretar todos os aspectos abordados pela historiografia relativa ao tema nos dois países. Para tanto, selecionei os aspectos que foram mais estudados e que representam uma quantidade maior de interpretações, tanto por parte dos historiadores norte-americanos como dos brasileiros:

- a) Estados Unidos e Brasil: uma historiografia diferenciada sobre a imigração árabe;
- b) as causas da imigração árabe: aspectos mais enfatizados pela historiografia nos dois países;

- c) a primeira atividade econômica do imigrante árabe: o comércio ambulante;
- d) ausência dos imigrantes árabes no setor rural;
- e) imigrantes árabes: uma minoria oculta?;
- f) a contemporaneidade, a ocupação espacial e o volume de imigrante árabes nos Estados Unidos e no Brasil.

Para que a discussão não se faça à parte do contexto histórico que a informa e, assim, perca o sentido, assinalo, a seguir, algumas observações sobre as semelhanças e diferenças históricas entre os Estados Unidos e o Brasil, as quais vão intervir na interação social e econômica dos imigrantes árabes, nos respectivos territórios.

Semelhanças entre os dois países

- Brasil e Estados Unidos foram descobertos dentro do mesmo contexto histórico: são partes do que se convencionou chamar 'Novo Mundo'. Constituíram-se primeiro como colônias, tornaram-se nações independentes dentro de um quadro mundial semelhante e têm partilhado, cada um a seu modo (às vezes, de modo oposto), o destino comum das nações americanas.¹
- As ocupações dos imensos territórios que hoje constituem os dois países foram

¹ Janaína Amado. *Conquista do Oeste* - mimeografado - UFG-Goiás, p. 03

processos longos, extremamente variados, iniciados na costa leste, numa estreita faixa de terra, onde os primeiros colonizadores europeus se localizaram, e que seguiram em direção ao Oeste.²

- A conquista do oeste tanto implicou um confronto com a população autóctone e a sua progressiva dizimação como contou com a participação de africanos (inicialmente, na condição de escravos) e imigrantes provindos da Europa e Ásia.³

- No Brasil e nos Estados Unidos a ocupação do oeste representou, para os imigrantes, imensas possibilidades, incluindo a participação nas atividades de mineração, criação de gado, agricultura, comércio e indústria.⁴

- Os dois processos de interiorização foram marcados por uma violência seletiva, social, que, de forma sistemática, vem atingindo sempre os mais pobres e os que ocupam os degraus mais baixos da escala social: negros, índios, imigrantes pobres, empregados e despossuídos de terra ou de capital, etc.⁵

² *Idem.* p. 03.

³ *Ibidem.*

⁴ *Idem.* p. 4.

⁵ *Idem.* p. 5.



Diferenças entre os dois países

- O processo norte-americano se deu via incorporação progressiva de faixas territoriais contíguas (e esta foi a base histórica concreta para a formulação da 'tese da fronteira' nos EUA). O processo brasileiro se deu por incorporação de faixas de terras descontínuas, obedecendo a surtos de ocupação intermitentes.⁶
- No caso norte-americano, o processo de ampliação das 13 colônias originais resultou em confrontos e/ou negociação com outros países (como a guerra com o México e a compra da Louisiana e da Flórida). No caso brasileiro, o território original a leste da Linha de Tordesilhas era amplo e, por várias razões, seu aumento não significou conflitos sérios ou longas negociações com outros países.⁷
- A maioria do atual território norte-americano foi construída durante o século XIX, enquanto quase todo o território brasileiro se formou durante o período colonial, estando construído já no final do século XVIII. Nos Estados Unidos, a anexação de novas áreas aconteceu na medida em que elas iam sendo ocupadas pelos brancos e integradas economicamente ao restante do país. Como resultado, todo o

⁶ *Idem.* p. 4.

⁷ *Idem.* p. 5.

território norte-americano (com exceção, talvez, de pequenas partes do Alasca) já foi, há muito, colonizado pelos brancos e integrados à nação. No Brasil, a existência do território precedeu ao processo de colonização. Além disso, a exploração econômica das regiões nem sempre foi contínua: o Centro-Oeste brasileiro, por exemplo não foi desbravado até o século XVII, e, após a decadência da mineração, no final do século XVIII, foi praticamente abandonado pelos brancos, só conhecendo nova ocupação e exploração a partir de 1830. Por outro lado, certas regiões da Amazônia estão sendo desbravadas hoje em dia, ou seja, no Brasil, parte da 'Conquista do Oeste' está acontecendo agora. E apresenta características dramáticas, como os numerosos conflitos sociais e a questão ecológica.⁸

• Por um ato do Parlamento, em 1740, a Grã-Bretanha outorgara, nas suas colônias, a naturalização de estrangeiros com processos apregoados de liberdade religiosa e outros incentivos. As demais potências colonizadoras, como Espanha, França e Portugal, só admitiam a entrada em seus domínios de ultramar de pessoas nascidas no seio da religião católica, de sorte que a imigração 'livre', ou seja, de fora do controle do Estado, para o Brasil, só se iniciou

⁸ Janaína Amado. *Conquista do Oeste* - mimeografado - UFG-Goiás, p. 5.

após o término da era colonial. Por volta de 1776, os Estados Unidos contavam com expressiva imigração estrangeira e significativa porção dos imigrantes tinha sido plenamente aceita na nova sociedade, formando uma mistura de variedades étnicas, estreitamente relacionadas entre si.⁹

Estados Unidos e Brasil — uma historiografia diferenciada sobre a imigração árabe

Nos Estados Unidos e no Brasil, a preocupação em registrar a saga dos primeiros imigrantes árabes coube aos próprios pioneiros e seus primeiros descendentes. Tais registros abrangiam basicamente o enaltecimento da pátria, onde são proclamadas as virtudes de uma civilização repleta de grandiosos feitos, numa espécie de autocelebração da própria raça, representada pelas memórias, que são relatos das experiências vividas por seus autores; e as biografias quase sempre sobre grandes vultos da colônia árabe. Em geral, as biografias são de imigrantes com poder econômico e autoridade religiosa. Nelas são enaltecidas as histórias de vida dos grandes comerciantes, industriais e dos profissionais liberais notáveis. Por vezes, famílias inteiras são saudadas, articulando-se uma história laudatória em torno das origens, da família da época da imigração e de como se tornaram bem-sucedidas financeiramente.

Nos Estados Unidos, um número cada vez maior de historiadores que se dedicam ao tema imigrações árabe tem, com relativo sucesso, superado a simples descrição ou a elaboração

⁹ John Hugman. "A Imigração". *Ensaio comparativo sobre a história americana*. Organizado por Woodward C. Vann. São Paulo: Ed. Cultrix. 1967. p. 108.

de uma história baseada em metodologia e conceitos conservadores, típico dos relatos enaltecidos dos primeiros imigrantes. Eles têm-se utilizado de análises interpretativas, fundamentadas em novos dados, principalmente relacionadas com conceitos atualizados sobre etnias, assimilação social, identidade cultural, etc. O resultado tem sido a construção de uma 'nova história' do imigrante árabe nos Estados Unidos, intimamente relacionada com o desenvolvimento de estudos sobre etnias nos Estados Unidos e ligada ao processo de 'Conquista do oeste', ao mesmo tempo em que procura avançar nos temas relacionados às mulheres, à vida cotidiana e à cultura.

O interesse acadêmico sobre os árabes-americanos aparece no período após a Segunda Guerra. A obra de Philip K. Hitti, *The Syrian Americans*, é uma exceção, já que foi publicada em 1924, mas ainda permanece como referência clássica para os acadêmicos interessados no tema. O período entre a publicação da obra de Hitti (1924) e a próxima publicação importante, *The Arab Moslems in United States*, de 1996, por Abdo Elkholy, abrange duas gerações. A partir daí, após a guerra árabe-israelense, de junho de 1967, um interesse ativo surge entre os árabe-americanos e o número de estudos se multiplica.

A publicação de *The Arab Americans: Studies In Assimilation*, em 1969, editada por Elaine Hagopian e Na Paden, representou um momento de mudança nos estudos árabe-americanos. Os editores incluíram, na referida obra, uma seleção de artigos apresentados na primeira convenção anual (1968) da recém-inaugurada Association of Arab-American University Graduates (Associação de Graduados Árabe-Americanos — AAUG). Na inauguração da série de monografias da AAUG, o livro de Hagopian e Paden forneceu um estímulo renovado para pesquisadores e acadêmicos árabe-americanos, através do país,

para iniciarem um processo de auto-exame e redefinição. O primeiro livro da AAUG foi seguido pela publicação de um segundo volume editado por Barbara C. Asward, *Arabic Speaking Communities in American Cities* (Comunidades falantes do árabe em cidades norte-americanas), em 1974, que foi publicado em conjunto com o Centro de Estudos Migratórios de Nova York.

Nos anos seguintes, houve um aumento substancial no número de estudantes envolvidos em pesquisas sobre árabe-americanos. Destacam-se quatro novos livros sobre o imigrante árabe nos Estados Unidos, com uma proposta metodológica renovada: *The Syrian-Lebanese in America: A Study in Religion and Assimilation* (Os sírios-libaneses na América do Norte: um estudo sobre a religião e a assimilação, de 1975), por Phillip M. Kayal e Joseph M. Kayal; *An Olive Branch on the Family Tree: The Arabs in Canada* (Um ramo de oliveira na árvore genealógica: os árabes no Canadá, de 1980), por Baha Abu Laban; *The Arab World and Arab Americans: Understanding a Neglected Minority* (O mundo árabe e os árabe-americanos: compreendendo uma minoria ignorada, de 1991), por Sameer Y. Abraham e Nabel Abraham; e *The Caldean Americans Conceptions of Ethnic Identity* (Os caldeus americanos, mudando conceitos de identidade étnica, de 1982), por Mary C. Segstock.

Estes volumes, somados a várias monografias sobre a experiência migratória árabe em determinadas localidades norte-americanas, revelam o interesse crescente das pesquisas centradas no grupo árabe nos Estados Unidos. Numerosos artigos e comunicações vêm sendo apresentados em conferências acadêmicas, bem como publicados em vários jornais e revistas. Estudantes de Ciências Sociais na América do Norte têm demonstrado um interesse preponderante quanto ao estudo dos árabes americanos, fazendo-os tema de um número crescente de dissertações e teses. O Centro de Pesquisa sobre Imigração e

História, da Universidade de Minnesota, organizou o “Primeiro Simpósio Internacional Philip K. Hitti de estudos do Oriente Próximo”, em 1983. O tema da conferência enfocava a imigração dos povos de origem árabe na América do Norte, até a Segunda Guerra. A convenção da “Associação Sociológica Americana”, reunida em Detroit, inclui uma sessão especial sobre árabe-americanos, intitulada “Minorias emergentes: padrões de crescimento, conflito e mudanças entre os árabe-americanos de Detroit”. São encontros que reúnem vários pesquisadores e acadêmicos interessados em compreender a experiência migratória árabe nos Estados Unidos, por meio de novos questionamentos e metodologia renovada, envolvendo a exploração de diferentes documentos culturais de origem árabe-americana. Universidades, entidades culturais e governamentais têm, mediante subsídios, possibilitado a inúmeros jovens — interessados em aprofundar o tema sobre a imigração árabe nos Estados Unidos — concluir seus estudos e agilizar seus trabalhos, resultando em uma rica publicação.

No Brasil, a produção acadêmica sobre o tema imigração árabe é insignificante. O próprio tema ‘imigração’ tardou a se constituir em campo preferencial de estudo. Os primeiros trabalhos que surgiram, entre 1850 e 1930, fundamentaram suas preocupações na imigração: a) como meio para solucionar a questão da necessidade do suprimento da mão-de-obra no processo de substituição da força de trabalho escravo pelo assalariado; b) como uma ação voltada principalmente para o povoamento de vastas áreas desabitadas no extremo sul do país. Como a imigração árabe não se inseriu em qualquer desses eixos temáticos, ela não despertou maiores interesses.

A partir de 1950, o tema imigração começou a se constituir um objeto de análise não subordinado, por meio dos trabalhos dos ‘brasilianistas’ Michel Hall, Warren Dean, Thomas

Holloway e Maurício Font, e isso se explica pelo consistente desenvolvimento de estudos sobre etnias nos Estados Unidos.

Coube ao brasilianista Clark Knowlton o primeiro estudo científico sobre a imigração árabe no Brasil, realizado na década de 1950, com a obra *Sírios e libaneses: mobilidade espacial e temporal*, a qual tratou especificamente da mobilidade social dos imigrantes sírio-libaneses na cidade de São Paulo. Outro trabalho acadêmico sobre o tema só veio aparecer em 1984, com a obra: *A trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo*, de Mintaha Alcuri Campos. Dois anos depois, surge outro trabalho, com enfoque regional, *A aculturação do imigrante sírio no Piauí*, de Valderez Cavalcante Pimentel.

Tais estudos estão preocupados em compreender a integração cultural, econômica e política dos imigrantes árabes em determinadas regiões, bem como avaliar a mobilidade social ocorrida.

Em 1933, o trabalho de Oswaldo Mário Serra Truzzi, intitulado *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, inaugurava uma perspectiva diferente no tratamento desse tema. O autor estava integrado ao grupo de pesquisadores do IDESP que defendia um projeto visando privilegiar a pesquisa das etnias até hoje pouco estudadas (sírios e libaneses, armênios, judeus e outros), buscando salientar “dimensões da experiência de vida” numa perspectiva característica de história social. As pesquisas do IDESP, numa abordagem inovadora, posicionaram-se no sentido de explorar a imigração no contexto urbano-industrial, resgatando as suas trajetórias pela exploração sistemática de suas atuações na sociedade local.

O trabalho de Truzzi enquadra-se perfeitamente nessa orientação, já que seus estudos sobre os sírios e libaneses, em São Paulo, analisam os principais determinantes das trajetórias

sociais percorridos por este grupo, desde a última década do século XIX até os anos 1960.

As produções sobre os imigrantes ocupados em atividades urbanas são ainda pouco expressivas, se comparadas aos trabalhos que investigaram a presença dos imigrantes em atividades rurais. As poucas pesquisas sobre os imigrantes dedicados às ocupações urbanas concentram suas análises nas atividades fabris. Em relação à participação do trabalho imigrante nas relações comerciais, poucos avanços ocorreram.

Portanto, é possível se verificar, pela comparação entre as duas historiografias sobre a imigração árabe, a dos Estados Unidos e a do Brasil, que a última possui uma contribuição limitada. A pesquisa sobre os imigrantes árabes em Goiás pretende suprir, em parte, essa lacuna, organizando os dados sobre o tema no Estado e oferecendo, assim, material que possibilita a elaboração da grande síntese sobre os imigrantes árabes no Brasil e a compreensão do seu papel na formação da própria sociedade brasileira.

As causas da imigração árabe: aspectos mais enfatizados pela historiografia nos dois países

Na produção historiográfica norte-americana e brasileira, os estudos a respeito das causas básicas da imigração sírio-libanesa para os respectivos países abordam pontos semelhantes. Ambos reforçam a idéia de que a maior parte dos que imigraram para a América o fizeram premidos pela precária situação econômica da terra de origem e pela inferioridade sócio-religiosa dos cristãos (que constituíram a grande maioria dos imigrantes) numa sociedade predominantemente islâmica, que fazia parte do vasto império otomano.



Os estudos sobre o tema enfatizam que as medidas cada vez mais impopulares — que os governantes turcos impunham às populações árabes dominadas — acabaram detonando um clima geral de descontentamento. Neste sentido, Nagib Saliba relata que, em 1909, por exemplo, o serviço militar obrigatório foi estendido aos cristãos que, até então, eram dispensados dessa obrigação. Essa medida de caráter extremamente impopular acionou uma avalanche de saídas para o exterior. Saliba conta-nos que, “de um contingente de 240 mil recrutados, 40 mil foram mortos e aproximadamente 150 mil desertaram. Muitos outros abandonaram suas casas e terras para escapar ao recrutamento”.¹⁰ Relembrando episódio semelhante, Safady menciona que:

O fator primordial da imigração libanesa decorria da pressão e do despotismo dos dominantes turcos. As divergências entre muçulmanos e cristãos, existentes desde os tempos das cruzadas, produziram convulsões internas do Líbano, que culminaram com o massacre de 1860. O Libanês naquela época para descer a Beirute ou Trípoli era sempre molestado pelos muçulmanos destas duas cidades... Os cristãos não tinham o direito de andar nas calçadas.¹¹

Outro aspecto enfatizado na historiografia das causas da imigração árabe foi o sucesso dos primeiros que partiram para a América. Segundo Clark Knowlton,

... um analfabeto vai para a América e no curso de seis meses manda um cheque de \$ 300 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em dois anos de trabalho. Como um fermento possante, a imigração agita

¹⁰ Najib E. Saliba. *Emigration from Syria Arab Studies Quartely*. V. 3(1) Inverno, 1981. pp. 56-67.

¹¹ Wadih Safady. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966. pp. 161-162.

todas as aldeias e povoados. Todo mundo está em movimento e ninguém parece disposto a ficar, desde que possa, de um jeito ou de outro, arranjar dinheiro o suficiente para pagar a viagem.¹²

Afif Tannous reforça a influência que o sucesso financeiro dos primeiros imigrantes exerceu na decisão de partir para a América: "(...) o dinheiro enviado das remessas fizeram com que o Correio se tornasse a instituição mais importante nas aldeias. Cartas comuns significavam notícias, cartas registradas, as mais festejadas, notícias e dinheiro."¹³ O mesmo sentimento é apreendido por Emil Farhat, que nos informa que, nos lugarejos menores, onde as cartas, às vezes, chegavam somente uma vez por semana, o Correio era aguardado por todos e a distribuição das correspondências realizada em lugar público. Carta de um virava carta de todos: "Para muitos, as cartas chegadas substituem as cartas esperadas, que não vieram."¹⁴

O relato do sucesso financeiro dos imigrantes árabes constituíam, assim, um apelo direto à imigração. As remessas de dinheiro a parentes residentes na pátria-mãe constituía uma preciosa ajuda e não deixava igualmente de orientá-los em direção aos estrangeiros. Esse dinheiro não era, com efeito, uma prova concreta tocante e irrefutável da riqueza dos estrangeiros? Hitti afirma que, em 1907, constatou-se que, em Beirute e Damas, havia cinco vezes mais construções edificadas que nos anos anteriores, graças às remessas dos imigrados.¹⁵

¹² Clark Knowlton. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhambi, ed. Ltda.

¹³ Afif Tannous. "Emigration. A Force os Social Change in an Arab Village". *Rural Sociology*. V. 7 (março de 1942), p. 70.

¹⁴ Emil Farhat. *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, pp. 72-73.

¹⁵ Philip. K. Hitti. *The Syrian in America*. Nova York: George II. Doran Company. 1924, p. 13.

A primeira atividade econômica do imigrante árabe: o comércio ambulante

O comércio ambulante foi a primeira atividade econômica exercida pelos imigrantes árabes. Nenhum outro grupo de imigrantes — com exceção dos judeus e alemães nos Estados Unidos, e os italianos no Brasil — identificou-se de maneira tão intensa com essa atividade.

O comércio ambulante praticado nos Estados Unidos e no Brasil foi decorrente de uma evolução do modelo levantino tradicional representado pela venda e a troca de produtos do trabalho, de vilarejo em vilarejo, de porta em porta, realizado pelos artesãos, comerciantes, e pequenos fazendeiros em territórios árabes.

Segundo Alixa Naff, “antes de 1914, pelo menos 90% dos imigrantes, incluindo mulheres e crianças, abraçaram o comércio nos Estados Unidos”.¹⁶ A autora nos informa que o comércio ambulante rendia bons lucros e requeria pouco treinamento, pouco capital e pouco conhecimento da língua. Os imigrantes não estavam iludidos acerca da dureza deste trabalho, mas eles preferiam manter sua independência ao tédio da fábrica ou ao isolamento da fazenda.

O comércio ambulante atraía jovens, rapazes e moças dos vilarejos, permitindo a formação de uma rede de transportes e estimulando uma indústria de manufaturados, importadores e atacadistas sírio-libaneses para suprirem suas necessidades.

A rede de transporte se iniciou na pátria antiga, mas tinha sua base na nova pátria, num assentamento de ambulantes aglomerados à volta de um fornecedor, geralmente um ambu-

¹⁶ Alixa Naff. “Arabs in America: A Historical Overview”. *Arabs in The New World*. Editado por Sameer Y Abraham an Nabeel Abraham. Wayne State University. Center for Urban Studies - Michigan, 1983, pp. 9-29.

lante veterano. Nos Estados Unidos, a comunidade portuária de Nova York constituía o maior centro de abastecimento dos comerciantes ambulantes. No Brasil, a cidade de São Paulo coordenou o processo de penetração dos sírios e libaneses nas atividades do comércio ambulante, instalados preferencialmente na rua 25 de Março. Sobre esse reduto de imigrantes árabes, Knowlton conclui:

a principal razão para o desenvolvimento de uma colônia síria e libanesa na rua 25 de Março está no fato de lá se terem estabelecido os primeiros sírios e libaneses que vieram. Outros imigrantes sem relação também foram para lá porque encontravam patrícios que lhes davam a mão nos primeiros tempos, ajudando-os a se ajustar à nova vida. À medida que chegavam navios em Santos, transportando imigrantes de nacionalidade sírio e libanesa, os imigrantes pioneiros iam receber os seus compatriotas. Transportavam-nos para a 25 de Março e, lá, ensinavam-lhes os termos da língua portuguesa indispensáveis e os truques do comércio de mascate. Forneciam-lhes mercadorias a crédito e depois mandavam-nos para o interior ou para os subúrbios de São Paulo para mascatear¹⁷.

O autor nos informa ainda que, por volta de 1910, os mascates italianos, primeiros ocupantes da área, foram sendo substituídos pelos mascates sírios e libaneses, os quais já dominavam quase que exclusivamente a rua 25 de Março e adjacências.

Do centro de fornecimento às regiões mais longínquas, é visível a presença de mascates. Tal proliferação de estabelecimentos ambulantes distribuiu os sírios e libaneses por todo o território norte-americano e brasileiro. Isso poupou aos recém-chegados a ansiedade da busca por trabalho, já que eles pode-

¹⁷ Clark Knowlton. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhambi ed. Ltda., p. 112.

riam ser imediatamente absorvidos em alguma parte dos sistema em contínua expansão.

O comércio ambulante era inicialmente um comércio de terços, jóias ou miudezas, que coubessem em uma pequena maleta. Rapidamente, expandiu-se para maletas cheias, com uma grande variedade de artigos de armarinhos, de lençóis de rendas, enfim, 'várias novidades' que a esposa de um fazendeiro isolado ou de um morador de um vilarejo pudesse querer comprar. Devido à dedicação ao trabalho, à inventividade, e à cobrança do máximo preço que o mercado poderia suportar, os mascates comumente conseguiram obter altos lucros. Relativamente poucos não obtinham sucesso.

Se, num primeiro momento, a atividade do comércio ambulante apresentou semelhanças entre os Estados Unidos e o Brasil, a evolução dessa atividade foi pouco a pouco engendrando algumas diferenças. As mulheres sírias e libanesas participavam dessa atividade com muito mais intensidade nos Estados Unidos que no Brasil.

Segundo Alixa Naff, algumas mulheres ficavam nas estradas por semanas ou meses cobrindo vários Estados, enquanto outras, juntamente com crianças e velhos, ficavam na base, ocupando-se de outras tarefas, como, por exemplo, a reposição de mercadorias. Além do comércio ambulante, muitas mulheres faziam crochê, rendas e costuravam em casa para seus maridos venderem, ou trabalhavam em fábricas de vestimentas, algumas delas de propriedades de sírios. Elas geralmente continuavam com esta parceria econômica, através dos vários estágios da família em direção à prosperidade. No Brasil, a presença da mulher síria ou libanesa na tarefa de mascatização foi reduzida. "Provavelmente uma cultura patriarcal e menos pragmática que a americana, em termos de ganhar a vida, contribuiu para que as

mulheres persistissem na esfera do lar ou do trabalho anexo à casa".¹⁸

Outra diferença que a evolução dessa atividade apresentou entre os dois países é quanto à sua durabilidade como atividade ambulante. Enquanto nos Estados Unidos a mascateação entrou em um rápido declínio, dando lugar à instalação de estabelecimentos comerciais fixos, no Brasil, a característica itinerante vai perdurar por mais tempo. No começo de 1920, já era perceptível, nos Estados Unidos, que muitos sírios e libaneses haviam deixado o ramo de tecidos e armarinhos, seja como mascates, seja como lojistas. Alguns passaram a comercializar tapetes, mas a maior parte reorientou suas atividades para o ramo de mercearias e quitandas, uma tendência que, com o tempo, se tornaria cada vez mais nítida.¹⁹

A mascateação teve uma duração menos prolongada nos Estados Unidos em função da própria dinâmica econômica do país. Muito mais rapidamente que no Brasil, os padrões de um mercado consumidor de massa já se encontravam razoavelmente bem instalados nos Estados Unidos à véspera da Primeira Guerra Mundial. A implantação, pelo Correio americano, de um sistema de remessas postais minou a base de mascateação, assim como as variadas ofertas disponíveis nas novas redes de lojas e departamentos, cada vez mais presentes nas grandes cidades.²⁰

Ainda sobre a durabilidade efêmera da mascateação dos imigrantes árabes nos Estados Unidos, Truzzi apresenta uma argumentação convincente. Segundo o autor, a imigração síria e

¹⁸ Oswaldo Mário Serra Truzzi. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*. Tese de doutorado. São Paulo: Unicamp, 1993, p.186.

¹⁹ Oswaldo Mário Serra Truzzi. *Patrícios sírios e libaneses em São Paulo*. Tese de doutorado. São Paulo: Unicamp, 1993, p.187.

²⁰ Alia Naff. *Becoming American: The Early Arab Immigrant Experience*. Corbandale: South Illinois University Press, 1985, p. 200.

libanesa chegada ao Brasil, na última década do século XIX, não se encontrava muito atrasada em relação ao tempo da chegada de outras etnias. Embora a imigração italiana tenha sido a primeira, a maior parte do seu contingente dirigiu-se ao trabalho rural nas lavouras de café. Assim, sírios e libaneses constituíram o primeiro grupo volumoso de destinação especificamente urbano na sociedade brasileira. Nos Estados Unidos, outro quadro se delineou. A imigração síria e libanesa que para lá se destinou, embora coincidente cronologicamente com a do Brasil, foi precedida de outros grupos étnicos originários do sul e leste da Europa. A antigüidade da imigração desses grupos étnicos atuará de forma dominante, dificultando o processo de inserção econômica dos sírios e libaneses na sociedade norte-americana.

O grupo pioneiro na atividade de mascateação, nos Estados Unidos, foi o dos judeus alemães. Eles iniciaram sua imigração ainda em 1654 e mantiveram, até as leis restricionistas americanas dos anos 1920, altos índices imigratórios. “A partir das primeiras décadas do século, aproveitando a expansão da fronteira americana em direção ao oeste, os judeus mascates cumpriram um papel importante na distribuição de mercadorias, na maior parte das vezes antes da chegada da ferrovia. Normalmente, com alguma experiência no comércio já trazida da Europa, muitos viram nesta atividade de trazer produtos das cidades para as áreas pioneiras a oportunidade de ganharem a vida no novo país.”²¹

Assim, núcleos de judeus se espalhavam por praticamente todo o território continental americano. À medida que prosperavam, os judeus alemães passavam da mascateação para o pequeno comércio. Alguns firmaram-se como atacadistas, ou-

²¹ Oswaldo Mário S Truzzi, *op. cit.*, p. 209.

tros como proprietários de grandes magazines, outros se especializaram na indústria de vestuário (roupas prontas).

Os sírios e libaneses, tendo chegado nos EUA mais tarde que os judeus, vão encontrar a atividade de mascateação com oportunidades de inserção já bem limitadas, pois tiveram de enfrentar a concorrência dos judeus já anteriormente estabelecidos. Deste modo, os sírios e libaneses nos Estados Unidos viram-se diante de um caminho já trilhado, caminho esse que só se tornou acessível depois que os judeus abandonaram a mascateação e se estabeleceram no comércio atacadista e na indústria. No Brasil, os sírios e libaneses bem-sucedidos na mascateação criaram grandes estabelecimentos comerciais e investiram no setor industrial. Tal não aconteceu nos Estados Unidos, pois o setor industrial se encontrava dominado pelos judeus. Isso explica a razão por que os sírios e libaneses, de modo geral, procuravam reorientar suas atividades para outros ramos comerciais, entre os quais o negócio de quitandas foi o mais notável.²²

No Brasil, o comércio ambulante prolongou-se por mais tempo, pois a transformação de uma economia essencialmente capitalista, de caráter urbano-industrial, demorou mais a acontecer que nos Estados Unidos. Além disso, o atraso nas construções das linhas ferroviárias e rodoviárias enclausurou, por um longo tempo, as regiões fora da órbita litorânea, tornando seus moradores carentes das novidades que o comércio ambulante podia fornecer. Deffontaines observou que

o campo de trabalho dos mascates se alargou consideravelmente, na mesma proporção em que o colono procurava desembaraçar-se das compras nas lojas do fazendeiro e,

²² Oswaldo Mário. S. Truzzi, *op. cit.*, p. 220.

por isso, os mascates representavam uma feliz concorrência ao armazém do patrão.²³

As condições de pagamento usadas pelos mascates eram mais tolerantes, e as compras fora da fazenda diminuían a dependência dos colonos em relação aos fazendeiros. Em função disso, os mascates dominaram, por um tempo bem longo, o sertão do Brasil.

À medida que os negócios dos mascates iam acumulando lucros, a tendência observada no Brasil era a de estabelecerem suas próprias casas comerciais, operando no atacado e tornando-se fornecedores para outros imigrantes recém-chegados. Alguns estabeleceram fábricas modestas, explorando as manufaturas de tecidos de qualidade inferiores, fitas, rendas, bordados e meias, produção essa que era vendida pelos mascates. Era comum que parentes participassem no mesmo negócio. Enquanto um dirigia a fábrica, o outro viajava para vender os produtos. Foi-se constituindo, assim, um setor totalmente integrado verticalmente, onde indústrias e atacadistas supriam as necessidades de uma rede ampla de varejistas e comerciantes ambulantes, pertencentes à mesma etnia.

Assim, embora o comércio ambulante tenha sido a primeira atividade econômica exercida pelos imigrantes pioneiros, nos Estados Unidos e no Brasil, as condições históricas dos respectivos países acabaram diferenciando, ao longo do tempo, as possibilidades de evolução no respectivo setor, ou provocando mudanças para outras atividades menos concorridas.

²³ Pierra Deffontaines. "Mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil". *Geografia* 2:1. 1936, p. 27.



Ausência de imigrantes árabes no setor rural

Os imigrantes sírios e libaneses ocuparam, desde o início da chegada aos Estados Unidos e ao Brasil, atividades ligadas ao comércio e à indústria e, nos dois países, eles permaneceram refratários aos investimentos e às atividades do setor rural.

A historiografia produzida nos dois países evoca várias causas para explicar tal comportamento, uma vez que a maioria dos imigrantes que chegaram aos Estados Unidos e ao Brasil eram, em sua terra natal, ligados às atividades do campo.

Os trabalhos agrícolas, nos dois países, exigiam a mobilização de altos recursos durante alguns anos de trabalho, e de espera, antes de serem produtivos. A imobilidade financeira não atraía os primeiros imigrantes — na sua maioria, sem posses e aflitos para juntar um capital — a investir em face das despesas contraídas pela viagem e das solicitações de esposa, filhos, parentes, que, na maioria das vezes, ficavam na terra natal, à espera da ocasião propícia para embarcarem.

Os primeiros imigrantes que embarcaram para a América não vieram de mudança. O propósito principal era “fazer dinheiro e depois voltar para casa”, e o comércio era a atividade que fornecia uma recompensa financeira mais rápida.

Outra explicação ventilada é que a agricultura fora a causa de muitos prejuízos em seus países de origem, forçando, conseqüentemente, o êxodo; primeiro, para as cidades, e, depois, para outros países.

Em meados do século XIX, com a melhoria dos transportes marítimo e terrestre, uma ampla oferta de bens manufaturados europeus começou a inundar os mercados da Síria e do Líbano. Hitti observou que essa oferta variada de artigos foi

responsável pela crise do artesanato de inúmeras cidades das aldeias e, conseqüentemente, atingiu a produção do campo.²⁴ Percebeu-se, então, uma reorientação das atividades do campo, que passou de uma produção agrícola de subsistência para uma agricultura comercial, orientada para o atendimento das necessidades do mercado europeu. Além do mais, a capacidade de utilização das terras árabes baixas havia atingido o limite máximo, em função do atraso tecnológico: terras montanhosas, com escassa disponibilidade de água e com solos pouco férteis já não produziam o necessário ao sustento de famílias extensas, muitas vezes concentradas em três gerações, vivendo sob o mesmo teto. As grandes cidades passaram, então, a receber grandes fluxos migratórios do interior, processo esse que foi se ampliando para uma imigração intercontinental.

Outro fator que explica o motivo por que as fazendas, nos Estados Unidos e no Brasil, não foram cobiçadas pelos primeiros imigrantes árabes é que sua compra exigia, sobretudo, uma grande soma de capitais e porque elas eram disseminadas pelo interior, solitárias, distantes das cidades, privadas de uma convivência comunitária, relação indispensável para suportar a saudade e a solidão impostas à condição de imigrante. Se a falta de capitais impedia-os de comprarem terras, a possibilidade de se empregarem como mão-de-obra, numa fazenda, também não oferecia atrativos, em função dos baixos salários pagos. Além do mais, os primeiros que mascateavam pela zona rural, principalmente no interior do Brasil, notaram a miséria da população que vivia no campo e sentiam repulsa por essa vida.

Nos Estados Unidos, a chegada dos imigrantes sírios e libaneses, no final do século XIX, ocorreu num momento em

²⁴ Philip. L. Hitti. *Lebanon in History: From the Earliest Times to the present*. Nova York: Macmillan, 1967, p. 472.

que a ocupação de terras devolutas, doadas pelo governo federal em áreas de fronteira, já havia se completado. Nesse momento, o país se transformara, de uma república descentralizada e rural, em uma nação industrial consolidada. As oportunidades de se enriquecer rapidamente estavam ligadas a atividades urbanas, e os imigrantes se dirigiam preferencialmente para as grandes cidades.

No Brasil, embora existisse, nessa época, um intenso território não explorado economicamente, a estrutura rural impediu aos imigrantes a chance de se tornarem proprietários. A monocultura latifundiária de produtos, tais como o açúcar, o algodão, o café, era desconhecida pelos sírios e libaneses, que estavam acostumados, em sua pátria, com uma diversificada policultura em reduzidos minifúndios destinados ao cultivo de árvores frutíferas, oliveira, vinhedos, etc.

Imigrantes árabes: uma minoria oculta

Nos Estados Unidos e no Brasil, os imigrantes árabes, com raras exceções, passavam, em grande parte, despercebidos pela sociedade local. Essa falta de reconhecimento foi tão pronunciada que foram chamados de 'minoria oculta'. Alixa Naff afirma que "os árabes estiveram na América do Norte por mais de três quartos de século antes que a população em geral tomasse consciência de sua existência".²⁵ De fato, foi com as inúmeras crises ocorridas no Oriente Médio, após a Segunda Guerra Mundial, que a atenção se voltou para os árabe-americanos e para sua terra natal. As razões que explicam esta falta de visibilidade étnica estão, segundo Alixa, em parte, no seu redu-

²⁵ Alixa Naff. "Arabs in America: A Historical Overview". *Arabs in the New World*. Editado por Sameer y Abraham na Nabeel Abraham. Wayne State University: Center for Urban Studies - Michigan, 1983, pp. 10 - 11.

zido número em relação à maioria dos grupos étnicos nos Estados Unidos, e em parte no fato de que eles eram geralmente bem integrados, aculturados, ou mesmo assimilados à cultura dominante.

A historiografia brasileira também endossa a idéia generalizada de o grupo étnico árabe ser bem acomodado, afeito ao trabalho, amante da paz, não perturbador da ordem pública e bem integrado socialmente. Segundo Alípio Goulart, “os mascates não se envolviam em políticas, nem com partidos políticos. Seu interesse resumia-se no seu comércio, e, para fazê-lo livremente, precisavam estar bem com todos. Dificilmente se aponta um mercador sírio ou libanês envolvido em questões políticas”.²⁶

Essa noção de grupo avesso à participação política ou em movimentos trabalhistas deve ser relativizada, levando-se em consideração a situação histórica do país de origem desses imigrantes, bem como o espaço possível que a sociedade receptora lhes concedeu. A condição de ‘imigrante tardio’ nos Estados Unidos foi um dado bastante negativo para os sírios e libaneses no sentido de limitá-los quanto à participação na política e nos movimentos trabalhistas. É preciso lembrar que tais imigrantes, em seus países de origem, não tiveram a oportunidade de exercerem seus direitos de cidadania, de participarem efetivamente das decisões políticas, pois encontravam-se sob o domínio otomano desde o século XVI, o qual perdurou até meados do XX. Ao chegarem aos Estados Unidos, os imigrantes sírios e libaneses encontraram um mercado de trabalho extremamente competitivo, e os indivíduos que possuíam pretensões a organizações trabalhistas enfrentavam uma série de dificuldades.

As direções de empresas mostravam-se em geral hostis às organizações de trabalhadores e grandes segmentos da

²⁶ José Alípio Goulart. *O mascate no Brasil*. São Paulo: s/d. 1956, p. 123.

imprensa e do público compartilhavam desse sentimento anti-sindical. Além do mais, depressões econômicas frequentes, espões a serviço dos empresários industriais e profissionais "corretivos", tornavam perigoso demonstrar interesses sindicais. Os trabalhadores sabiam que milhares de desempregados e novos imigrantes esperavam ansiosos para substituir os que fossem mandados embora e os incluídos em listas negras por atividades sindicais. Uma força de trabalho heterogênea, composta de numerosas nacionalidades, carecia de solidariedade de classe que, aparentemente, a organização sindical eficaz necessita.²⁷

Outro aspecto que justifica a ausência dos imigrantes árabes em movimentos políticos e sindicais é o fato de que eles, em sua grande maioria, dedicaram-se a atividades econômicas autônomas. Uma porcentagem muito reduzida de trabalhadores, segundo Alixa Naff, era atraída para as cidades como Chicago, Toledo e Dearborn, como operários industriais, e os movimentos baderneiros ocorriam especificamente nas fábricas, numa relação de conflito entre patrões e operários.

No Brasil, no início do século XX, já existiam comunidades de imigrantes bem atuantes na defesa de seus direitos trabalhistas. São imigrantes europeus que haviam participado de lutas operárias na Europa antes de haverem migrado. Eram constituídos de italianos, espanhóis e portugueses e formavam a liderança do movimento operário brasileiro sediado em São Paulo e Rio de Janeiro e ocuparam, nas duas primeiras décadas do século, a atenção das elites dominantes do país. Pode-se atribuir a liderança do movimento operário a esses grupos pelos fatos de eles constituírem o maior grupo estrangeiro da força de trabalho em São Paulo e Rio de Janeiro, e de terem sido os fundadores do anarco-sindicalismo.

²⁷ Charles Sellers. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1990, p. 253.



Os imigrantes de origem árabe se espalharam por todo o território brasileiro e concentraram suas atividades no comércio, empregando como auxiliares elementos da própria família ou compatriotas recém-chegados. Dessa forma, os movimentos operários que ocorreram no Brasil não tiveram a participação do imigrante árabe. Ele via o Brasil como um lar temporário e relutava em participar do movimento de classe ou forças políticas que pudessem causar-lhe a perda do emprego, a sua prisão e o que seria pior e mais temido, a sua deportação para o seu país de origem, onde retornaria a ser um súdito da tirania otomana e conviveria com a miséria que sempre desejara abandonar.

Entretanto, essa passividade do trabalhador árabe, bem como sua rápida integração ao meio social merecem ser cuidadosamente examinados nos dois países. Pesquisas sobre a manutenção de certas tradições, que teimam em se manter por mais de uma geração, podem revelar uma reação contrária à integração social, e ainda o uso de determinados mecanismos econômicos pode demonstrar formas alternativas de reivindicações sociais.

A título de exemplo, lembramos que o estudo das relações matrimoniais e os desdobramentos familiares que essas relações envolvem são relevantes como indicadores da preferência de casais pela mesma etnia, escolha essa que não indica busca de integração à população natural. Outro aspecto pouco estudado são as opções de escola para os filhos de imigrantes. Segundo Boris Fausto, "a procura de "escolas colônias" ou de escolas de sistema escolar sem conotação étnica pode representar o esforço pela afirmação de uma manutenção de identidade

familiar ou a busca de uma nova identidade aos moldes da sociedade local".²⁸

A historiografia norte-americana e a brasileira têm ainda dentro do chamado processo de integração, considerado, de forma consensual, a atitude de marginalização do imigrante árabe no processo político-partidário. Sem os mínimos requisitos de educação formal que lhes permitissem participar da vida pública, os sírios e libaneses da primeira e segunda gerações estavam dedicados preferencialmente ao projeto de sobrevivência pela via do mercado. O mundo político e as 'benesses' dele derivados, sobretudo sob a forma dos cargos públicos, seriam reservados aos descendentes das famílias oligárquicas. Além disso, é preciso lembrar que as restrições a estrangeiros de assumirem cargos eletivos e cargos públicos, em sentido estrito, teriam contribuído para acentuar essa marginalização.

Entretanto, estudos recentes mostram que a questão entre imigrantes e a participação política necessitam ser melhor problematizadas. "É razoável supor que, passados os primeiros anos de luta pela sobrevivência e pelo domínio da língua, imigrantes e seus filhos começassem a estabelecer aspirações em direção ao poder político."²⁹ Tal ação pode ser vista, segundo Boris Fausto, por meio do uso instrumental do voto, de presença em diretórios partidários, da eleição de representantes de grupos étnicos que vão se converter em políticos profissionais.

Esses fatores, somados a tantos outros, devem ser revistos numa perspectiva histórica do país de origem e do país

²⁸ Boris Fausto. *Historiografia da imigração para São Paulo*. Ed. Sumaré, FAPESP, 1991, p. 42.

²⁹ Boris Fausto. *Historiografia da imigração para São Paulo*. Ed. Sumaré, FAPESP, 1991, p. 43.

receptor, relativizando, assim, o conceito generalizado da invisibilidade e passividade do imigrante árabe na América.

A contemporaneidade, a ocupação espacial e o volume de imigrantes árabes nos Estados Unidos e Brasil

A chegada dos imigrantes sírios e libaneses aos Estados Unidos e ao Brasil ocorreu quase no mesmo período, ou seja, nas três últimas décadas do século XIX, e o número de imigrantes que se destinaram aos dois países foi muito próximo.

Hitti afirma que, dentre os pioneiros a chegarem ao continente americano, deve-se citar o nome de Fahim Nouth Basile, proveniente de Hadeth El Jebbé (norte do Líbano), indo para a Filadélfia entre 1870 a 1875, com o objetivo de vender no comércio ambulante artigos religiosos.³⁰

A imigração de sírios e libaneses no Brasil vem imediatamente após a dos Estados Unidos. Ela se inicia aproximadamente em 1880, provavelmente com a chegada de Yossef Moussa, originário de Miziara (norte do Líbano).³¹

O processo de ocupação espacial nos dois países apresentou características semelhantes, ou seja, a instalação em grandes centros comerciais e industriais. Segundo Alixa Naff, de 1910 a 1930, os registros do censo norte-americano acusa 88% dos sírios morando em centros urbanos ou em suas proximidades, mais da metade deles na costa leste. Do restante, cerca de 2% trabalhavam no campo, e o restante eram negociantes em pequenas cidades ou na zona rural como mascates. Segundo a autora, Nova York foi o primeiro e o mais importante centro

³⁰ K. Hitti. Phillip. *The Syrian in America*. Nova York: George H. Doran company, 1924, pp. 7, 9 e 17.

³¹ *Revista do Líbano: Beirute*, nº 10, setembro de 1955, p. 9.

comercial, cultural e intelectual dos primeiros imigrantes e abrigava, em 1904, cerca de 2.600 imigrantes em Manhattan e no Brooklin, passando tal cifra para 7.631, em 1930.³² Tal crescimento só foi comparado com a colônia de Detroit que aumentou de 417, em 1910, para 5.520, em 1930.³³ Hoje a Grande Detroit é o centro da maior comunidade árabe-americana nos Estados Unidos, estimada em 200.000, e em rápido crescimento. As colônias mais importantes do grupo étnico árabe estão situadas nas cidades Detroit, Nova York, Boston, Filadélfia, Saint-Louis, San Francisco e Los Angeles, ocupando-se das atividades comerciais e industriais.

Como nos Estados Unidos, as grandes cidades brasileiras foram, por excelência, o pólo de atração de primeiros imigrantes. São Paulo foi o centro da colônia sírio e libanesa no Brasil, seguido do Rio de Janeiro.

Apesar de os dados censitários relativos à imigração dos sírios e libaneses serem imprecisos, Elie Safa estabelece alguns dados comparativos. Segundo o autor, o volume de imigrantes chegados à América obedece à seguinte ordem preferencial: Estados Unidos, Brasil e Argentina ao longo de 1870 e 1930. Ressalta, ainda, que estes três países receberam volumes relati-

³² Alixa Naff. "Arabs in America: A Historical Overview". *Arabs in The New World*. Editado por Sameer y Abraham and Nabeel Abraham. Wayne State University, Center for Urban Studies - Michigan. 1983. pp. 12-13

³³ *Idem*, p. 15.

vamente próximos, indicando que boa parte de imigração que se destinou à América foi assim distribuída entre os países:

Quadro I
Imigração Árabe na América (1870 - 1930)³⁴

Países	Números	Localidade
Estados Unidos	400.000	Detroit, Nova York, Boston, Filadélfia, San Francisco, Los Angeles
Brasil	350.000	São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Manaus, Belo Horizonte
Argentina	200.000	Buenos Aires, Rosário, Córdoba, Santa Fé

Tais dados, tomados no seu valor absoluto, podem-nos revelar conclusões incorretas. O importante é compreender o que tais números significaram relativamente no conjunto geral dos fluxos imigratórios dirigidos a cada um destes países.

Embora os Estados Unidos tenham recebido, em termos absolutos, o maior número de imigrantes desta etnia, este contingente é muito pouco significativo, se comparado ao volume total dos grupos de imigrantes no país. Segundo Hitti, os sírios e libaneses ocupavam, até 1910, o 25º lugar entre as diferentes nacionalidades que imigraram para os Estados Unidos.³⁵ Naff

³⁴ Elie Safa. *L'Emigration Libanaise*. Beirute: Université Saint-Joseph, 1960, p. 16.

³⁵ Phillip. K. Hitti. *The Syrian in America*. Nova York: George H. Doran company, 1924, p. 65.

também afirma que os sírios e libaneses representavam um dos menores grupos étnicos nos Estados Unidos.³⁶

No Brasil, o quadro apresenta-se de forma diferenciada. Embora os sírios e libaneses não representem o grupo mais numeroso, eles alcançaram o sétimo lugar entre as diferentes correntes imigratórias. Dessa forma, enquanto nos Estados Unidos os sírios e libaneses constituíram um grupo numericamente pouco significativo diante de outros contingentes de imigrantes, no Brasil, o grupo não se diluiu entre as principais correntes étnicas, como ocorreu nos Estados Unidos. Ao contrário, proporcionalmente ao seu volume, pelas funções econômicas exercidas, o grupo se destacou financeiramente, chegando a monopolizar determinados setores da atividade comercial.

De acordo com o censo brasileiro de 1920 e 1940, realizado pela Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, constata-se a presença de sírios e libaneses por todo o território brasileiro, conforme demonstra o quadro II, logo adiante.

Os Estados que mais receberam imigrantes foram São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio de Janeiro, confirmando a tendência desse grupo em instalar-se em grandes centros comerciais e industriais. Entretanto, percebe-se também uma ocupação espacial por esse grupo étnico pelo interior do Brasil. Estados como Piauí, Sergipe, Maranhão, Rio Grande do Norte, Ceará, embora fossem economicamente menos favorecidos, atraíam colônias de sírios e libaneses, constituindo, atualmente, importantes grupos comerciais.

³⁶ Alixa Naff. *Becoming American: The Early Arab Immigrant Experience*. Corbandale: South Illinois University Press, 1985, p. 4.

Quadro II

Distribuição da População Sírio-Libanesa por Estados 1920 - 1940

ESTADOS	POPULAÇÃO			
	1920		1940	
	Número	%	Número	%
Brasil	50.337	100,0	47.800	100,0
Acre	627	1,2	230	1,5
Amazonas	811	1,6	461	1,0
Pará	1.400	2,9	848	0,7
Maranhão	625	1,2	305	0,6
Ceará	268	0,5	190	0,4
Piauí	188	0,4	85	0,2
Rio Grande do Norte	55	0,1	69	0,1
Paraíba	60	0,1	41	0,1
Pernambuco	355	0,7	270	0,5
Alagoas	6	-	20	-
Bahia	1.206	2,4	947	2,0
Espírito Santo	810	1,6	636	1,3
Distrito Federal	6.121	12,2	6.510	13,4
Rio de Janeiro	3.200	6,4	2.541	5,2
Mato Grosso	1.232	2,5	1.066	2,2
Goiás	528	1,1	659	1,4
Minas Gerais	8.684	17,3	5.902	12,1
São Paulo	19.285	38,4	23.948	49,2
Sergipe	47	0,1	26	0,1
Paraná	1.625	3,2	1.576	3,2
Santa Catarina	488	1,0	377	0,8
Rio Grande do Sul	2.656	5,1	1.093	4,0

Fonte: Recenseamento do Brasil, 1920 e 1940